



Homogeneização algorítmica na memória digital: os resgates de canções pop através do TIKTOK

João Pedro do Nascimento Fontes¹

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

RESUMO | O estudo analisa o TikTok como agente sob a memória cultural, ressignificando canções antigas via viralização e plataformação. Será examinado como algoritmos e comoção pública dessacralizam contextos, transformando obras em recursos para engajamento. Propõe-se que a memória digital é performática, fragmentada em unidades, priorizando espetacularização sobre preservação, exigindo reflexão sobre controle narrativo e resistência à homogeneização.

PALAVRAS-CHAVE | Plataformação; memória cultural; viralização; homogeneização algorítmica

PROPOSTA

“Se eu pudesse voltar no tempo” (CHER, 1989, tradução nossa). A frase sintetiza um sentimento universal: o desejo de revisitar o passado. Num contexto hiper digital, os conteúdos veiculados adotam diversas temáticas e formatos, permitindo que o passado seja ressignificado. Nesse cenário, canções antigas ganham nova vida, sendo reinscridas na mídia através de plataformas como o *TikTok*.

Este estudo busca analisar como o *TikTok* reconfigura a memória cultural através da viralização de canções antigas, explorando a interação entre algoritmos e afetos coletivos. Para isso, serão combinadas abordagens quantitativas e qualitativas, além da exploração de conceitos teóricos que permitam a reflexão sobre a discussão. O fenômeno exemplifica a atuação das plataformas digitais, enquanto processo de mediação algorítmica que redefine práticas culturais (LEMOS, 2023), sobre a memória

¹Estudante de graduação na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, no curso de Comunicação Social: Publicidade e Propaganda; jpedr2707@gmail.com

cultural, e o papel da comoção pública na transformação de obras esquecidas em símbolos geracionais.

A relação entre essas plataformas e a memória cultural demanda uma abordagem teórica multifacetada, já que o caso transcende a recuperação do passado. Para compreender como o *TikTok* reconfigura a temporalidade e a narrativa, é necessário recorrer a conceitos que expliquem não apenas a mediação algorítmica (LEMOS, 2020), mas também os afetos coletivos (CARRERA; MARQUES, 2022) e a dinâmica da memória (BOSI, 1979). Esses conceitos permitem pensar como a plataformização transforma músicas em ferramentas para engajamento, enquanto a comoção pública as ressignifica como símbolos de identidade. Sem essa articulação teórica, existe o risco de reduzir o fenômeno a uma lógica mercadológica.

Como estudo de caso, *Headlock* (IMOGEN HEAP, 2005) será analisada. Esta canção ganhou relevância em 2024 ao viralizar no TikTok como trilha sonora de vídeos temáticos. O fenômeno não é isolado: *Running Up That Hill* (KATE BUSH, 1985) e *Bloody Mary* (LADY GAGA, 2011) seguiram padrões similares. Tais casos revelam um mecanismo cultural em que algoritmos e afetos coletivos convergem para dessacralizar contextos históricos.

Imagem 1, 2 e 3 – Capa das canções analisadas



Fonte: O autor a partir de reprodução do *Spotify*.

A pesquisa pretende adotar uma abordagem mista, integrando revisão bibliográfica, análise quantitativa e análise qualitativa, conforme os referenciais



apresentados. O primeiro passo será uma revisão bibliográfica crítica, com foco nos conceitos de plataformização (LE MOS, 2020), memória cultural (BOSI, 1979) e comoção pública (CARRERA; MARQUES, 2022). Serão analisados conceitos, ideias e estudos de casos análogos (como *Running Up That Hill* e *Bloody Mary*) para estabelecer um marco teórico que relacione a atuação do *TikTok* na reconfiguração de temporalidades e narrativas.

Em seguida, a análise quantitativa buscará correlacionar dados temporais de *streamings* no *Spotify*, utilizando a ferramenta *MyStreamCount*. A comparação entre essas métricas permitirá confirmar se os picos de engajamento no *stream* coincidiram com o crescimento no *TikTok*, além de identificar padrões temporais.

A análise qualitativa examinará como as músicas são apropriadas em vídeos do *TikTok*, selecionando publicações de alta visibilidade com base em engajamento. A integração desses dados qualitativos com os quantitativos permitirá compreender como a plataformização e a comoção pública reprocessam a memória cultural, transformando obras em recursos flexíveis para engajamento.

A metodologia terá padrões éticos, como anonimato de usuários e apenas dados públicos. A articulação entre os referenciais teóricos e os resultados buscará demonstrar como o *TikTok* dessacraliza contextos históricos.

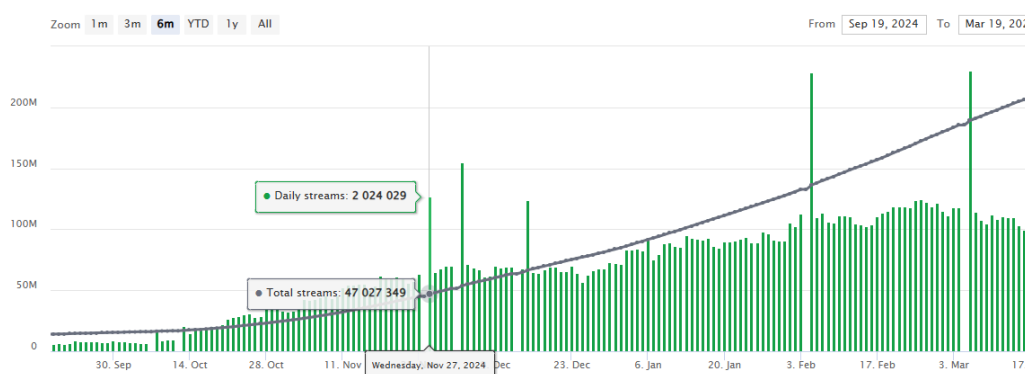
Imagens 4 e 5 - Edits virais da canção *Headlock* com base em nostalgia



Fonte: O autor a partir de reprodução do *Tik Tok*

A plataformação (LEMOS, 2020) redefine a memória cultural ao transformar o TikTok em um sistema de curadoria algorítmica, onde conteúdos do passado são selecionados e redistribuídos com base em potencial de engajamento. A plataforma prioriza vídeos curtos, adaptando obras como *Headlock* (IMOGEN HEAP, 2005) a contextos variados, independentemente de sua origem histórica. Esse processo alinha-se à noção de memória cultural como um fenômeno dinâmico (BOSI, 1979), reprocessado em padrões que privilegiam a replicabilidade. Sendo assim, não apenas o acesso ao passado é alterado, mas redefine a própria materialidade, transformando-a em fragmentos de fácil consumo.

Imagem 6 - Crescimento de Headlock no Spotify

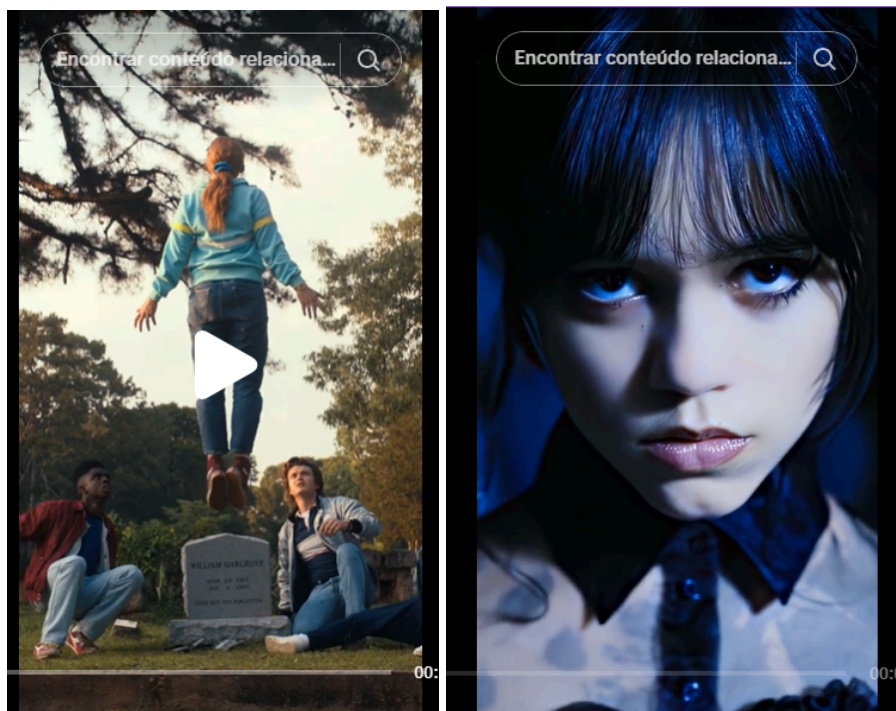


Fonte: *MyStreamCount*

Essa lógica de fragmentação é intensificada pela viralização (CARRERA; MARQUES, 2022), mecanismo impulsionado pela comoção pública que mobiliza afetos coletivos – como nostalgia e identificação – para amplificar conteúdos. *Running Up That Hill* (KATE BUSH, 1985) ressurgiu em 2022 após integrar a trilha de *Stranger Things* (NETFLIX, 2022), gerando milhões de *edits* que tiveram grande alcance. Se a música era originalmente ligada à trajetória artística de Kate Bush, sua ressignificação tornou-se um símbolo polivalente, realinhado às demandas contemporâneas. Essa

dualidade – entre contexto original e ressignificação – mostra como a viralização opera como uma força que dessacraliza histórias em prol do engajamento.

Imagens 6 e 7 - Edits de *Running Up That Hill* e *Bloody Mary*



Fonte: O autor a partir da reprodução do *TikTok*

Ao dessacralizar contextos, o *TikTok* atua como arquivo, onde a memória é reativada constantemente. *Bloody Mary* (LADY GAGA, 2011), que originalmente explora temas como resistência e identidade através de referências religiosas, foi apropriada para *edits* inspirados na série *Wednesday* (NETFLIX, 2022), exemplificando camadas da plataformização que incluem a descontextualização (perda do marco simbólico) e a padronização (adequação a formatos pré-definidos). Essa dinâmica, mediada por ciclos de tendências, revela que a memória na era digital não é estática, mas um processo algorítmico em constante atualização. *Headlock* (IMOGEN HEAP) é descontextualizada de sua trajetória original, adaptada a *edits* que sincronizam clímax musicais a transições visuais e usam da nostalgia.

A viralização (CARRERA; MARQUES, 2022) ressignifica obras via afetos coletivos: *Running Up That Hill* (KATE BUSH) ganha relevância por *Stranger Things*, com clímax associado à suspense, esvaziando seu significado histórico. Algoritmos selecionam fragmentos passados por potencial viral, não relevância cultural. Em *Bloody Mary* (LADY GAGA), a letra perde carga simbólica para virar trilha de coreografias em *Wednesday*. padroniza narrativas em fórmulas estéticas, privilegiando espetacularização, assim, a memória digital é performada como visibilidade, não preservação. Dessa forma, urge debater quem controla narrativas do passado e como pode-se resistir à homogeneização algorítmica.

REFERÊNCIAS

- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1979.
- BUSH, Kate. **Running Up That Hill**. In: **Hounds of Love** [CD]. Londres: EMI Records, 1985.
- CARRERA, Fernanda; MARQUES, Lucas. **As “Racism is not getting worse, it’s getting filmed”**: Considerações sobre viralização, comoção pública e branquitude no ambiente digital. In: *Revista Eco-Pós*, Rio de Janeiro, v. XXV, n. 2, 2022. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27897. Acesso em: 8 de março de 2025.
- GAGA, Lady. **Bloody Mary**. In: **Born This Way** [CD]. Santa Monica: Interscope Records, 2011.
- HEAP, Imogen. **Headlock**. In: **Speak for Yourself** [CD]. Londres: Megaphonic Records, 2005.
- LE MOS, André. Plataformização, datificação e performatividade algorítmica (PDPA): desafios atuais da cibercultura. In: **Fluxos, Redes e Cultura Digital**. São Paulo: Intercom, 2020. Disponível em: <https://www.portcom.intercom.org.br/ebooks/arquivos/fluxos30112020.pdf>. Acesso em: 8 de março de 2025.
- NETFLIX. **Stranger Things** [Série de TV]. Irmãos Duffer. Los Gatos: Netflix, 2016-presente.



NETFLIX. *Wednesday* [Série de TV]. Alfred Gough, Miles Millar. Los Gatos: Netflix, 2022-presente.

Homogeneización algorítmica en la memoria digital:

los rescates de canciones pop a través de TikTok

João Pedro do Nascimento Fontes²

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

RESUMEN | Este estudio analiza TikTok como agente de la memoria cultural, resignificando canciones antiguas mediante viralización y plataformización. Se examina cómo algoritmos y conmoción pública descontextualizan obras, volviéndolas recursos de engagement. Se propone que la memoria digital es performativa y fragmentada, priorizando la espectacularización sobre la preservación, exigiendo reflexión sobre control narrativo y resistencia a la homogeneización.

PALABRAS CLAVE | Plataformización; memoria cultural; viralización; homogeneización algorítmica

PROPUESTA

"Si pudiera volver en el tiempo" (CHER, 1989, traducción propia). Esta frase sintetiza un sentimiento universal: el deseo de visitar el pasado. En un contexto hiper digital, los contenidos difundidos adoptan diversas temáticas y formatos, permitiendo que el pasado sea resignificado. En este escenario, las canciones antiguas cobran nueva vida al ser reinsertadas en los medios a través de plataformas como TikTok.

Este estudio busca analizar cómo TikTok reconfigura la memoria cultural mediante la viralización de canciones antiguas, explorando la interacción entre algoritmos y afectos colectivos. Para ello, se combinarán enfoques cuantitativos y

²Estudiante de grado en la Universidad Federal de Rio Grande do Norte, en el curso de Comunicación Social: Publicidad y Propaganda; jpedr2707@gmail.com

cualitativos, además de la exploración de conceptos teóricos que permitan una reflexión sobre el tema. El fenómeno ejemplifica la acción de las plataformas digitales como procesos de mediación algorítmica que redefinen prácticas culturales (LE MOS, 2023) y el papel de la conmoción pública en la transformación de obras olvidadas en símbolos generacionales.

La relación entre estas plataformas y la memoria cultural requiere un enfoque teórico multifacético, ya que el caso trasciende la simple recuperación del pasado. Para comprender cómo TikTok reconfigura la temporalidad y la narrativa, es necesario recurrir a conceptos que expliquen no solo la mediación algorítmica (LE MOS, 2020), sino también los afectos colectivos (CARRERA; MARQUES, 2022) y la dinámica de la memoria (BOSI, 1979). Estos conceptos permiten analizar cómo la plataformización convierte la música en una herramienta de engagement, mientras que la conmoción pública la resignifica como un símbolo de identidad. Sin esta articulación teórica, existe el riesgo de reducir el fenómeno a una mera lógica de mercado.

Como estudio de caso, se analizará *Headlock* (IMOGEN HEAP, 2005). Esta canción cobró relevancia en 2024 al viralizarse en TikTok como banda sonora de videos temáticos. El fenómeno no es aislado: *Running Up That Hill* (KATE BUSH, 1985) y *Bloody Mary* (LADY GAGA, 2011) siguieron patrones similares. Estos casos revelan un mecanismo cultural en el que algoritmos y afectos colectivos convergen para descontextualizar los marcos históricos.

Imagen 1, 2 y 3 – Portadas de las canciones analizadas



Fuente: Elaboración propia a partir de reproducciones de Spotify

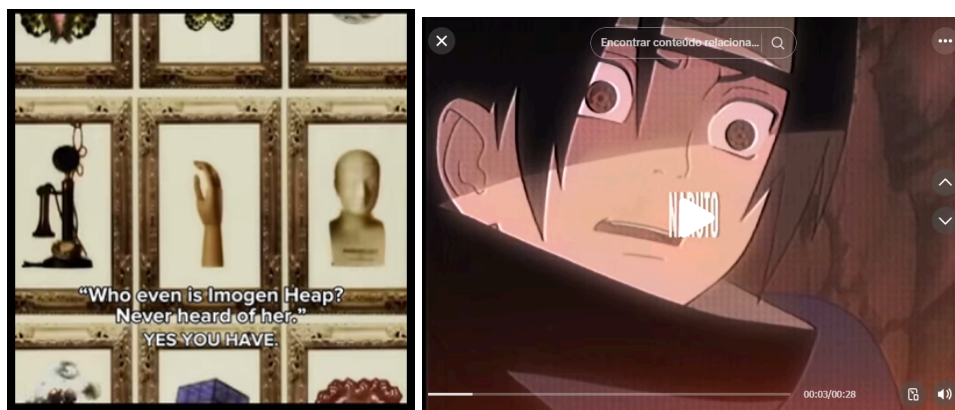
La investigación adoptará un enfoque mixto, integrando revisión bibliográfica, análisis cuantitativo y análisis cualitativo. El primer paso será una revisión bibliográfica crítica, enfocada en los conceptos de plataformización (LEMOS, 2020), memoria cultural (BOSI, 1979) y conmoción pública (CARRERA; MARQUES, 2022). Se analizarán conceptos, ideas y estudios de casos similares (como *Running Up That Hill* y *Bloody Mary*) para establecer un marco teórico que relacione la actuación de TikTok en la reconfiguración de temporalidades y narrativas.

A continuación, el análisis cuantitativo buscará correlacionar datos temporales de streaming en Spotify, utilizando la herramienta MyStreamCount. La comparación de estas métricas permitirá confirmar si los picos de engagement en Spotify coincidieron con el crecimiento en TikTok, además de identificar patrones temporales.

El análisis cualitativo examinará cómo las canciones son apropiadas en videos de TikTok, seleccionando publicaciones de alta visibilidad con base en su engagement. La integración de estos datos cualitativos y cuantitativos permitirá comprender cómo la plataformización y la conmoción pública reconfiguran la memoria cultural, transformando obras en recursos flexibles para el engagement.

La metodología respetará estándares éticos, como el anonimato de los usuarios y el uso exclusivo de datos públicos. La articulación entre los marcos teóricos y los resultados buscará demostrar cómo TikTok descontextualiza los marcos históricos.

Imagen 4 y 5 - Edits virales de la canción *Headlock* basados en la nostalgia

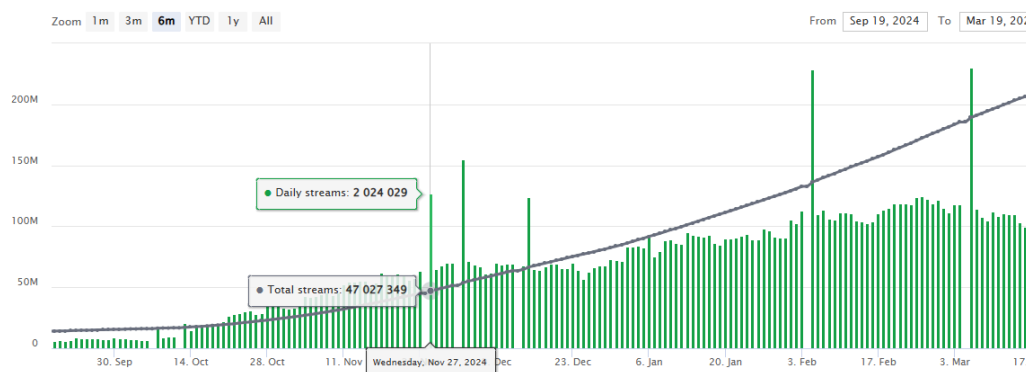




Fuente: Elaboración propia a partir de reproducciones de TikTok

La plataformización (LEMOS, 2020) redefine la memoria cultural al transformar TikTok en un sistema de curaduría algorítmica, donde los contenidos del pasado son seleccionados y redistribuidos en función de su potencial de engagement. La plataforma prioriza videos cortos, adaptando obras como *Headlock* (IMOGEN HEAP, 2005) a diversos contextos, independientemente de su origen histórico. Este proceso se alinea con la noción de memoria cultural como un fenómeno dinámico (BOSI, 1979), reconfigurado en patrones que privilegian la replicabilidad. De este modo, no solo el acceso al pasado se ve alterado, sino que también se redefine su materialidad, transformándola en fragmentos de fácil consumo.

Imagen 6 - Crecimiento de *Headlock* en Spotify

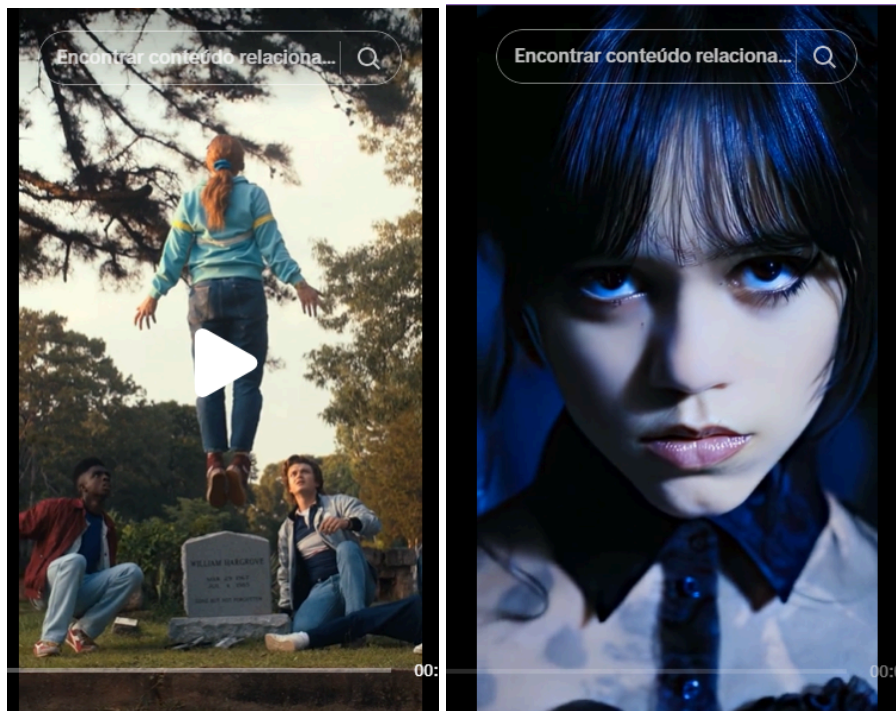


Fuente: MyStreamCount

Esta lógica de fragmentación se intensifica con la viralización (CARRERA; MARQUES, 2022), un mecanismo impulsado por la conmoción pública que moviliza afectos colectivos —como la nostalgia y la identificación— para amplificar contenidos. *Running Up That Hill* (KATE BUSH, 1985) resurgió en 2022 tras su inclusión en la banda sonora de *Stranger Things* (NETFLIX, 2022), generando millones de edits de gran alcance. Si la canción estaba originalmente ligada a la trayectoria artística de Kate Bush, su resignificación la convirtió en un símbolo polivalente, alineado con las demandas contemporáneas. Esta dualidad —entre contexto original y resignificación—

muestra cómo la viralización opera como una fuerza que descontextualiza historias en favor del engagement.

Imagen 8 y 9 – Edits de *Running Up That Hill* y *Bloody Mary*



Fuente: Elaboración propia a partir de reproducciones de TikTok

Al descontextualizar los marcos históricos, TikTok actúa como un archivo en el que la memoria es constantemente reactivada. *Bloody Mary* (LADY GAGA, 2011), que originalmente explora temas como la resistencia y la identidad a través de referencias religiosas, fue apropiada para edits inspirados en la serie *Wednesday* (NETFLIX, 2022), ejemplificando las capas de plataformización que incluyen la descontextualización (pérdida del marco simbólico) y la estandarización (adaptación a formatos predefinidos). Esta dinámica, mediada por ciclos de tendencias, revela que la memoria en la era digital no es estática, sino un proceso algorítmico en constante actualización. En este contexto, urge debatir quién controla las narrativas del pasado y cómo se puede resistir a la homogeneización algorítmica.

REFERENCIAS

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1979.

BUSH, Kate. **Running Up That Hill**. In: **Hounds of Love** [CD]. Londres: EMI Records, 1985.

CARRERA, Fernanda; MARQUES, Lucas. As “**Racism is not getting worse, it’s getting filmed**”: Considerações sobre viralização, comoção pública e branquitude no ambiente digital. In: *Revista Eco-Pós*, Rio de Janeiro, v. XXV, n. 2, 2022. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27897. Acesso em: 8 de março de 2025.

GAGA, Lady. **Bloody Mary**. In: **Born This Way** [CD]. Santa Monica: Interscope Records, 2011.

HEAP, Imogen. **Headlock**. In: **Speak for Yourself** [CD]. Londres: Megaphonic Records, 2005.

LEMOS, André. Plataformização, datificação e performatividade algorítmica (PDPA): desafios atuais da cibercultura. In: **Fluxos, Redes e Cultura Digital**. São Paulo: Intercom, 2020. Disponível em: <https://www.portcom.intercom.org.br/ebooks/arquivos/fluxos30112020.pdf>. Acesso em: 8 de março de 2025.

NETFLIX. **Stranger Things** [Série de TV]. Irmãos Duffer. Los Gatos: Netflix, 2016-presente.

NETFLIX. **Wednesday** [Série de TV]. Alfred Gough, Miles Millar. Los Gatos: Netflix, 2022-presente.